

GARY NORTH

A FARSA DA ALTA CRÍTICA



A FARSA DA ALTA CRÍTICA

GARY NORTH

Tradução

Daniel P. Rodrigues

pm
PÓS-MILENISMO
PRODUÇÕES

Publicado originalmente em inglês sob o título
The Hoax of Higher Criticism
Institute for Christian Economics
Disponibilizado de forma livre e gratuita por publicador
original em website

É permitida a livre reprodução e distribuição do presente
material, sem necessidade de permissão, desde que não o
seja para fins comerciais

Pós-Milenismo Produções
www.posmilenismo.com.br
editor@posmilenismo.com.br

1ª Edição: 2025
ISBN: 978-65-01-65944-2

Tradução: Daniel P. Rodrigues
Diagramação: Daniel P. Rodrigues

Citações bíblicas foram extraídas da Bíblia King James
Fiel 1611, salvo indicação do contrário
Copyright © 2017 por BKJ 1611 Editora LTDA

ACF, Almeida Corrigida e Fiel © 1994, 1995, 2007, 2011
Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil

SUMÁRIO

Introdução.....	5
1. A Origem da Alta Crítica	13
2. As Técnicas da Alta Crítica	29
3. A Ética da Alta Crítica.....	49
Conclusão.....	63
Bibliografia.....	67

INTRODUÇÃO

Eu dei-lhes a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. Eu não oro para que tu os tires do mundo, mas que tu os guardes do mal. Eles não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. Santifica-os pela tua verdade; tua palavra é a verdade. (João 17:14-17)

As palavras de Jesus foram e são claras: sem a palavra de Deus, o Seu povo não pode ser santificado – separado do mundo eticamente, isto é, claramente distinguido deste terrível mundo pecaminoso. Deus santifica o seu povo pela Sua Palavra. Ele os torna *santos*. Ele lhes dá acesso ao Seu *santuário* em oração e adoração. E Ele o faz através de Sua Palavra.

A Bíblia, todos os sessenta e seis livros dos Antigo e Novo Testamentos, é a Palavra de Deus revelada e escrita. Ela é a única manifestação visível da perfeição em meio à humanidade. Ela é a única Palavra imutável na história. Ela é a única e exclusiva fonte confiável de ética e lei na história. Ela é o único documento escrito que, por um lado, não muda e não necessita de revisões, mas, ainda assim, é completamente aplicável ao homem e ao seu ambiente por toda a história. Ela é fixa, mas se aplica a um mundo com mudanças

históricas. Ela é, usando a linguagem da filosofia, o “universal concreto.”

Cuidado com os Sedutores

A maioria dos cristãos já ouviram o versículo do Novo Testamento, “Toda Escritura é dada pela inspiração de Deus, e é proveitosa para doutrina, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça” (2 Tm. 3:16). Eles podem, contudo, não se lembrar do contexto do versículo: “Mas os homens maus e sedutores irão de mal para a pior, enganando e sendo enganados. Tu, porém, permanece nas coisas que aprendeste e de que foste assegurado, sabendo de quem as tens aprendido. E que, desde criança, sabes as santas escrituras, que são capazes de fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus.” (2 Tm. 3:13-15).

Homens malignos continuam a ir de mal a pior com o tempo, e continuam a enganar e a serem enganados. Qual é o antídoto para esse mal crescente? Continuarmos firmes nas coisas que aprendemos nas Sagradas Escrituras.

Os homens malignos, não sendo estúpidos, fizeram tudo o que puderam para desencorajar o uso das Sagradas Escrituras. Essas estratégias incluíram coisas como 1) minimizar o uso da Bíblia na adoração e oração, e substituir tradições

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

e manuais eclesiásticos; 2) proclamar novas revelações que, supostamente, seriam a Palavra de Deus atualizada; e 3) suprimir a produção e venda de Bíblias. Outra estratégia eficaz tem sido o desenvolvimento de uma tradição de crítica acadêmica que busca provar que a Bíblia não é o que ela diz ser, a saber, a Palavra de Deus revelada. Ao invés disso, esses acadêmicos a apresentam como uma coleção desconexa de documentos enganosos, deliberadamente revisados e reescritos por “redatores” e editores anos, ou até mesmo séculos, após a época em que os textos aparentam ter sido escritos. A Bíblia, em suma, seria uma farsa.

Tendo apresentado os seus argumentos, eles adotam a linguagem do louvor, dizendo a seus leitores que, apesar de mítica, a Bíblia, todavia, é um documento majestoso que merece um lugar importante na variada e complexa história das religiões do homem. Em suma, tratando-se de farsas, a Bíblia é uma muito boa, tão boa quanto ou melhor do que todas as outras farsas na história religiosa do homem. Esse é o “lema partidário” oficial adotado por cada universidade secular em seus cursos de religião comparada e de “Bíblia como literatura”, e também na maioria dos seminários teológicos.

Introdução

Por mais de um século, tais crenças com relação à origem da Bíblia tornaram-se comuns em círculos acadêmicos. Mais importantemente, as mesmas crenças têm se tornado cada vez mais proeminentes em círculos cristãos evangélicos. E onde quer que tal atitude se enraíze em igrejas, faculdades e seminários evangélicos, ela leva, passo a passo, primeiro ao liberalismo teológico e, então, ao liberalismo político. Por que? Porque, uma vez que a Bíblia é abandonada como a única fonte de estabilidade irrevista e irrevisável num mundo de mudanças incessantes, não há outra rocha firme na qual o homem possa se alicerçar. Nas palavras de Tiago, “o que hesita é como a onda do mar, que é levada pelo vento, e lançada de uma para outra parte.” (Tg. 1:6). Homens são lançados de uma a outra parte pelos ventos de opinião. No século XX, os ventos de opinião no Ocidente têm sido liberais: inerentemente céticos, cheios de dúvida, relativistas e existencialistas, desafiados apenas pelo comunismo dogmático, ele próprio estando em processo de autodestruição ideológica, e talvez até mesmo institucional.

O relativismo não pode manter uma civilização, muito menos reconstruí-la. Assim, estamos claramente no fim de uma era, uma era que começou no Ocidente mais de três séculos

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

atrás com a ascensão do ceticismo do Iluminismo. Uma das marcas desse movimento religioso consciente de suas intenções tem sido seu comprometimento à rejeição da Bíblia como a inspirada e autoritativa Palavra de Deus. Começando no final do século XVII, o Socinianismo (um precursor do Unitarismo) e o Deísmo passaram a gradualmente substituir o Cristianismo Trinitariano no pensamento dos líderes intelectuais e políticos do Ocidente, começando mais importantemente com Isaac Newton (que, ao menos, levou a sério os textos históricos da Bíblia),¹ e avançando em passos cada vez mais abertamente heréticos no século XVIII com Diderot, Rousseau, e Voltaire na Europa, assim também como Hume e o Marquês de Sade, e, na América do Norte, com figuras como Franklin, John Adams, e Jefferson (Jefferson, na realidade, produziu sua própria edição da Bíblia cheia de omissões).²

¹ Isaac Newton, *The Chronology of the Ancient Kingdoms Amended* (1725). Ver Frank Manuel, *Isaac Newton Historian* (Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1963).

² *The Life and Morals of Jesus of Nazareth Extracted textually from the Gospels*. Reimpressa como *An American Christian Bible Extracted by Thomas Jefferson* (Rochester, Washington: Sovereign Press, 1982).

Introdução

Nesta conjuntura crítica na história humana, num mundo agora unificado tecnológica e economicamente pelas instituições do Ocidente, o Ocidente está ruindo, assim como a Grécia, mais de vinte séculos atrás, e a Roma imperial, dezessete séculos atrás. A questão hoje é: o que substituirá o Ocidente fundamentado no Iluminismo? Uma questão secundária também precisa ser respondida: O que essa transição custará?

A Ilusão da Segurança

O que sabemos é que “não se pode substituir algo com nada.” Assim, mais do que nunca antes na história do homem, o mundo inteiro precisa ser confrontado com a pergunta de Elias: “Por quanto tempo vos coxeareis entre duas opiniões? Se o SENHOR é Deus, segui-o; mas se o é Baal, então segui-o. E o povo não lhe respondeu com uma palavra sequer.” (1 Reis 18:21). Quanto mais as coisas mudam, mais elas continuam do mesmo jeito. O silêncio do povo levou ao fogo vindo dos céus a destruir o sacrifício. Hoje, enfrentamos outro tipo de fogo vindo do céu: o provocado pelo homem. Nós poderíamos acabar nos tornando o sacrifício.

Se os cristãos creem que podem fugir de sua responsabilidade de propor publicamente essa

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

questão da soberania última, e também fugir dos efeitos da resposta do mundo a essa pergunta crucial, eles estão vivendo num mundo de fantasia. Muitos milhões de fundamentalistas têm vivido exatamente nesse tipo de mundo.³ Mas o mundo não lhes permitirá viver em tal segurança ilusória por muito mais tempo.

Se os cristãos não possuírem confiança na integridade e na aplicação universal da Bíblia, Antigo e Novo Testamentos, então não poderão realizar o desafio público de Elias de forma eficaz. O homem deve receber uma oportunidade para decidir conscientemente sobre a sua resposta. Existem hoje mais de cinco bilhões de pessoas. Sem a fé salvífica em Jesus Cristo, a imensa maioria delas passará a eternidade no lago de fogo (Ap. 20:14). Para salvá-las, é necessário a ação do Espírito Santo. Mas, se o Seu próprio povo continuar a ter dúvidas sobre a Palavra de Deus, qual seria o resultado de um avivamento mundial? Um ceticismo muito maior e um senso de traição ainda maior.

Assim, os cristãos precisam recuperar a sua fé na Palavra de Deus. Um passo importante no regate dessa confiança é o reconhecimento, espe-

³ Dave Hunt, *Whatever Happened to Heaven?* (Eugene, Oregon: Harvest House, 1988).

Introdução

cialmente nas sedes devastadas do ensino cristão,
de que a alta crítica é uma farsa.

1

A ORIGEM DA ALTA CRÍTICA

Porque se vós crêsseis em Moisés, teriam crido em mim, porque de mim ele escreveu. Mas, se não credes nos seus escritos, como creereis nas minhas palavras? (João 5:46-47)

Assim disse Jesus aos líderes judaicos de Seus dias em defesa de Seu ministério e de Sua pessoa. Eles não creram nEle. E nem seus herdeiros espirituais nos dias de hoje.

Mas não são apenas os judeus que se recusam a levar essas palavras a sério; é também a imensa maioria dos que se formam em seminários teológicos nos dias de hoje. Com poucas exceções, seminários têm sido operados por professores de literatura, em vez do que por professores de Cristo. Eles adotaram uma visão da Bíblia que diz que os textos bíblicos revelam erros grosseiros por parte dos escritores e editores da Bíblia. Os críticos referem-se à Bíblia como um livro cheio de mitos. Esses céticos de sala de aula e seus predecessores intelectuais têm trabalhado por mais de um século para remover a confiança do cristão na precisão da Bíblia. O seu objetivo pessoal, acima de todos os outros, é fugir do juízo final do Deus que revelou a Si mesmo

claramente. Eles consolam a si mesmos enquanto desconsolam seus estudantes que creem na Bíblia com este silogismo: “Sem Bíblia permanente, sem lei permanente; sem lei permanente, sem juízo permanente.” Mas essa ausência do juízo de Deus deve também ser afirmada com respeito à história; a alta crítica da Bíblia tem um papel nesse dogma, também.

Há pouca dúvida de que o ataque bem-sucedido contra o Cristianismo no final do século XIX veio de duas fontes: o darwinismo e a alta crítica da Bíblia. Esta última foi exportada primariamente a partir de universidades alemãs. O Ocidente Cristão tem sofrido um ataque de guerrilha por parte da erudição acadêmica alemã por quase dois séculos. Os prussianos inventaram o jardim de infância financiado pelo governo e o diploma de Ph.D., duas das mais insidiosas invenções do mundo moderno. (Tenho concordado desde muito tempo com a observação do crítico literário Edmund Wilson com relação à absurdidade do sistema opressivo de Ph.D. O mundo seria muito melhor hoje “se, no tempo da Primeira Guerra Mundial, quando estávamos renomeando nossos hamburques para bifés de Salisbury e nossos chucrutes para repolhos da

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

liberdade, tivéssemos decidido nos livrar de tal sistema como uma atrocidade alemã.”)⁴

A alta crítica acadêmica da Bíblia foi nutrida em sua maturidade no mesmo lugar da Europa do mundo acadêmico. Ela foi promovida de forma mais bem sucedida por acadêmicos alemães intelectualmente preparados no século XIX. Esses homens estavam determinados em destruir o cristianismo ortodoxo. O seu objetivo primário era descobrir defeitos nos textos existentes da Escritura, assim como inconsistências internas na mensagem geral da Bíblia. Essa estratégia foi projetada para descredibilizar a fé do mundo cristão num padrão de justiça permanente. A alta crítica foi o legado espiritual do Iluminismo, como um dos seus herdeiros espirituais admite francamente: “O Iluminismo racionalista radicalizou a pretensão da razão e da história; como resultado, ele pôs as pretensões da religião fora do campo da razão. Nessa divisão, a teologia ortodoxa perdeu os seus fundamentos na história. A ruptura para com razão e história triunfou entre os eruditos – incluindo teólogos – e removeu

⁴ Edmund Wilson, *The Fruits of the MLA* (New York: New York Review Book, 1968), pg. 20. A MLA é a *Modern Language Association* [Associação de Linguagem Moderna].

a base para a epistemologia da ortodoxia.”⁵

Uma Guerra pela Civilização Inglesa

Contudo, o que não é geralmente reconhecido é que a alta crítica bíblica teve sua origem no mundo anglófono. Foi o deísmo inglês, e não a erudição acadêmica alemã, que estabeleceu o fundamento intelectual da alta crítica moderna. Antes mesmo do deísmo, certos aspectos do ataque crítico à Bíblia, especialmente o Antigo Testamento, começaram com o humanismo do Renascimento.⁶ R. K. Harrison rasteia até o filósofo político racionalista do século XVII Thomas Hobbes a ideia de que o Pentateuco foi compilado a partir de fontes muito mais antigas escritas por Moisés.⁷

Edgar Krentz é um defensor entusiástico da alta crítica contra o que ele descreve como um “medo de mudança, medo de perder a base para a

⁵ Edgar Krentz, *The Historical-Critical Method* (Philadelphia: Fortress Press, [1975] 1977), pg. 21.

⁶ Um estudo pouco conhecido e infelizmente desprezado sobre a história da alta crítica é Henning Graf Reventlow, *The Authority of the Bible and the Rise of the Modern World* (Philadelphia: Fortress Press, [1980] 1984), Pt. I.

⁷ Roland Kenneth Harrison, *Introduction to the Old Testament* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, [1969] 1974), pp. 9-10.

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

certeza da fé, e medo de propor questões na área da autoridade”⁸ por parte da igreja dogmática. Ele também identifica o deísmo inglês como a fonte desse desenvolvimento intelectual. “Os deístas do século XVIII tratavam a bíblia com liberdade quando ela, na compreensão deles, não estava de acordo com a razão. Por exemplo, eles argumentavam que Isaías era composto, os evangelhos eram contraditórios e os apóstolos frequentemente não eram confiáveis.”⁹

O ataque dos deístas contra a autoridade divina da Bíblia não foi simplesmente o produto de um estudo antiquado de ordem acadêmica. Ele estava estreitamente associado com os movimentos sociais intelectuais beligerantes da época. As observações de James Barr são muito importantes para compreender as raízes da alta crítica e também o reavivamento do literalismo bíblico como uma força social nos Estados Unidos, especialmente após 1960. A ligação entre ação social e hermenêutica bíblica têm passado despercebida pela maioria dos historiadores. Barr, seguindo o exemplo de Reventlow, não comete esse erro:

Igreja e estado formavam um contínuo unificado, e questões políticas e teológicas eram vistas como in-

⁸ Krentz, *op. cit.*, pg. 15.

⁹ *Ibid.*, pg. 16

terdependentes. Questões envolvendo poder e legitimidade dependiam em grande parte de ideias exegéticas e interpretativas. Nesse quesito, o Antigo Testamento – a própria especialidade de Reventlow – era de importância primordial. Mesmo que o Novo Testamento fosse o documento do cristianismo mais primitivo, a forma em que poderia ser interpretado dependia num nível significativo na maneira em que a outra coleção de livros proveniente de uma era ainda mais antiga, o Antigo Testamento, relacionava-se a ele. Pois era o Antigo Testamento, como parecia, que oferecia orientação sobre rei e estado, sobre uma comunidade organizada sobre estatutos divinos, sobre lei e propriedade, sobre guerra, sobre ritual e cerimônia, sobre sacerdócio, continuidade e sucessão. Tudo isso compunha uma área disputada desde os tempos da Reforma em diante: uma vez que estas eram questões controversas relacionadas à igreja e ao estado, elas geraram diferenças profundas na interpretação bíblica. Era precisamente pelo fato de Bíblia ser unanimemente considerada como autoritativa que ela estimulou novas noções sobre sua própria natureza. Era porque homens buscavam respostas a problemas da vida e da sociedade, assim como também de pensamento e de crença, que a

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

Bíblia estimulou o desenvolvimento de modos ‘críticos’ para sua compreensão.¹⁰

As observações do Prof. David Brion Davis sobre os efeitos do deísmo na fé cristã na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX são também muito importantes. Ele constata que os argumentos de um punhado de deístas impopulares no início do séc. XVIII contra a validade do Antigo Testamento provocou a elaboração de defesas filosóficas e teológicas por parte dos cristãos ortodoxos. Mas essas defesas cederam demais aos críticos do cristianismo. Os cristãos de nossos dias que depreciam as leis do Antigo Testamento deveriam levar muito a sério o alerta implícito nas observações de Davis:

Por volta da década de 1730, os apologistas cristãos aprenderam que disputas sobre detalhes textuais nunca seriam capazes de drenar os poços de dúvida cada vez mais profundos. Como uma forma de concessão, era suficiente insistir na centralidade da ressurreição e no cumprimento histórico da profecia do Antigo Testamento. Como [Leslie] Stephen sumariza a resolução pragmática, o inglês ainda poderia crer em tudo o que está na Bíblia, “mas nada de forma tão veemente”; se o livro não

¹⁰ James Barr, “Foreword”, Reventlow, *Authority of the Bible*, pg. xiii.

fosse perfeito, era, pelo menos, “verdadeiro o bastante para fins práticos.”

No que tangia à escravidão, os deístas apontavam para a posição futura de [Thomas] Paine e Garrison. Dessa forma, Deus, por definição, era bom e justo. Porém, o Deus da Bíblia autorizara a escravidão como punição divina, junto a outras barbaridades tais como o apedrejamento até a morte de crianças teimosas que se recusavam a obedecer a seus pais. Seguiu-se que a Bíblia não poderia ser a palavra de Deus.¹¹

O cerne do ataque do deísmo inglês à ortodoxia cristã era a sua fé na lei natural newtoniana e sua hostilidade à lei e à profecia do Antigo Testamento. “Se fosse possível descartar o Antigo Testamento como um mero testemunho de uma religião pré-cristã e vindicar o Novo Testamento de alguma outra maneira (p. ex., através de sua consonância com a lei da natureza), o cristianismo ainda poderia ser definido, ainda que como um meio pedagógico para a iluminação moral da humanidade.”¹² Uma vez que a negação da unidade indissolúvel da Bíblia se

¹¹ David Brion Davis, *The Problem of Slavery in the Age of Revolution, 1770-1823* (Ithaca, New York: Cornell University Press, 1975), pg. 528.

¹² Reventlow, *op. cit.*, pg. 398.

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

tornou comum, o próximo passo era simples: a negação da necessidade de um Novo Testamento infalível para o cristianismo.

Reventlow forneceu evidências dos aspectos políticos da guerra contra e a favor da infalibilidade da Bíblia. Ele oferece mais de 400 páginas de texto e 200 páginas de notas para demonstrar que, entre outros temas relacionados, “o pensamento político dos séculos XVI, XVII e XVIII continuamente buscavam seus modelos e argumentos na Bíblia, e a abordagem de cada pensador específico em questão fornecia os reais critérios para as analogias estabelecidas entre o modelo bíblico reconstruído e os princípios que eram normativos para moldar a sociedade de sua época.”¹³ Os deístas travaram a sua guerra contra o Antigo Testamento numa tentativa de substituir a lei bíblica pela lei natural. Qualquer um que seja incapaz de compreender a natureza ética desse conflito intelectual não entende a história da alta crítica bíblica. O ataque contra o Antigo Testamento foi um aspecto fundamental da vinda da civilização humanista moderna.

Apenas como resultado do ataque dos deístas à autoridade da Escritura (com as preparações para o

¹³ *Ibid.*, pg. 413.

qual tendo sido feitas, contra suas próprias intenções, por Locke, Newton e pelos latitudinarianos¹⁴), um ataque realizado de forma gradual, é que o legado da antiguidade na forma da lei natural e do pensamento estoico, que desde a Baixa Idade Média formava a base comum para o pensamento, a despeito de todas as mudanças de ordem teológica e filosófica, permaneceu como o único critério indisputável. Isso produziu um estágio basicamente novo tanto na história das ideias quanto na constituição inglesa. Essa posição já continha as raízes de seu próprio fracasso, uma vez que o desenvolvimento consistente dos princípios epistemológicos de Locke e Berkeley por Hume logo mostrou que seus pressupostos básicos eram insustentáveis. Contudo, dois desenvolvimentos irreversíveis e definitivos permaneceram, que surgiram junto a ele: a Bíblia perdeu sua importância para o pensamento filosófico e para os fundamentos teóricos dos ideais políticos, e o racionalismo ético (com um novo alicerce na crítica de Kant) tornou-se uma das forças que moldariam o período moderno, que apenas agora poder-se-ia dizer que realmente começara.¹⁵

¹⁴ Adeptos do latitudinarianismo, corrente desenvolvida de clérigos e acadêmicos anglicanos moderados da Universidade de Cambridge, oposta à imposição de doutrinas, formas litúrgicas e estruturas eclesiais demasiado específicas. [N. T.]

¹⁵ *Ibid.*, pp. 413-414.

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

Reventlow observou que a alta crítica diminuiu em importância a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. No pós-guerra imediato, a crítica bíblica foi um aspecto importante das faculdades e seminários protestantes. Agora não mais. “Dada uma preocupação predominante com o presente e seus problemas práticos aparentemente urgentes, que reivindicam atenção quase que exclusiva”, escreve, “a crítica e a exegese históricas passaram a ocupar uma posição de menor importância.”¹⁶

Sepultando os Mortos

Por que, então, eu deveria dedicar um livro a esse assunto? Por causa de um processo paralelo: enquanto o humanismo moderno começou a se fragmentar visivelmente, levando com ele a teologia liberal moderna, têm ocorrido um resgate do interesse dentro do mundo evangélico por questões do mundo real que são mais bem sumariadas sob a categoria geral de “Cosmovisão Cristã.” Os dualismos implícitos do fundamentalismo moderno – Antigo Testamento vs. Novo Testamento, lei vs. graça, letra vs. espírito, igreja vs. estado, Israel vs. a Igreja, eternidade vs.

¹⁶ *Ibid.*, pg. 1.

história, coração vs. mente, domínio vs. arrebatamento, cultura vs. reino – começaram ou a ser descartados ou, pelo menos, a ser seriamente criticados dentro do próprio campo.¹⁷ O resgate no mundo cristão de uma visão de unidade ética, de uma visão de mundo e de vida abrangente, é fundamental para qualquer estratégia viável de reconstrução cristã. Neste processo intelectual e emocional de recuperação da unidade de visão no cristianismo, é necessário que retornemos à fonte original do problema: a perda de fé na unidade da Palavra de Deus.

Há um velho slogan político: “não se pode vencer algo com nada.” Por todo o século XX, o mundo cristão se encontrou numa posição de lutar contra algo – o humanismo autoconfiante – se utilizando de nada: uma filosofia de dualismo

¹⁷ Com relação a dicotomia Israel-igreja, ver William E. Bell, *A Critical Evaluation of the Pretribulation Rapture Doctrine in Christian Eschatology* (dissertação de doutorado, New York University, 1968). Ver também John F. MacArthur, *O Evangelho Segundo Jesus* (Editora Fiel, 2018). Esse livro vendeu mais de 100.000 cópias em capa dura dentro de um ano desde sua publicação. A sobrevivência do dualismo mais antigo é mais bem representada por Dave Hunt, *Whatever Happened to Heaven?* (Eugene, Oregon: Harvest House, 1988).

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

ético, uma espécie de gnosticismo cristão.¹⁸ Isso se tornou óbvio para todos após o “juízo do macaco” de Scopes de 1925.¹⁹ (Na igreja primitiva, essa filosofia dualista que punha o Antigo Testamento contra o Novo Testamento foi corretamente identificada pela igreja como herética: marcionismo.) Mas os papéis estão agora sendo invertidos. Desde o assassinato de John F. Kennedy em novembro de 1963, o humanismo tem gradualmente perdido tanto a sua visão, quanto a confiança em sua própria capacidade.²⁰ Uma perda de confiança similar também ocorreu nos anos 80, por trás das Cortinas de Ferro e Bambu. O implícito e inescapável dualismo de todo pensamento pós-Kantiano – fato vs. sentido, ciência vs. ética, *fenomenal* vs. *numenal*²¹ – tornou-se um problema intelectual crescente

¹⁸ Douglas W. Frank, *Less Than Conquerors: How Evangelicals Entered the Twentieth Century* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1986).

¹⁹ George Marsden, *Fundamentalism and American Culture: The Shaping of Twentieth-Century Evangelicalism, 1870-1925* (New York: Oxford University Press, 1980), cap. 10: “The Great Reversal”.

²⁰ Gary North, *Unholy Spirits: Occultism and New Age Humanism* (Ft. Worth, Texas: Dominion Press, 1986), Introduction.

²¹ Richard Kroner, *Kant's Weltanschauung* (Chicago: University of Chicago Press, [1914] 1956).

após a década de 1880 e, assim como um espelho quebrado, não poderia ser recomposto novamente.²² Os efeitos sociais e políticos dessa desorientação intelectual que se acelerava tornaram-se claros à maioria dos observadores sociais após 1963. Entrementes, o surgimento da apologética pressuposicionalista de Van Til em meados dos anos 40,²³ o reavivamento do criacionismo bíblico após 1960,²⁴ e o resgate preliminar da visão puritana de vitória terrena do Reino de Deus se combinaram para produzir uma nova perspectiva intelectual: o Reconstrucionismo Cristão.

Fundamental para essa reversão têm sido a recuperação da confiança por parte de cristãos na confiabilidade da Bíblia como um todo. Um corpo crescente de evidências de que o darwinismo é uma farsa foi lhes aparentado. É hora de reconhecerem que a alta crítica bíblica é uma

²² H. Stuart Hughes, *Consciousness and Society: The Reorientation of European Social Thought, 1890-1930* (New York: Knopf, 1958).

²³ Cornelius Van Til, *The New Modernism: An Appraisal of the Theology of Barth and Brunner* (Philadelphia: Presbyterian & Reformed, 1946).

²⁴ Henry M. Morris e John C. Whitcomb, Jr., *The Genesis Flood: The Biblical Record and Its Scientific Implications* (Philadelphia: Presbyterian & Reformed, 1961).

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

farsa mais antigo ainda, mesmo sendo filosoficamente relacionada ao Darwinismo.

2

AS TÉCNICAS DA ALTA CRÍTICA

Porque não seguimos astuciosamente fábulas imaginárias, ao vos anunciar o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, porém fomos testemunhas oculares de sua majestade. (2 Pe. 1:16)

“Baixa crítica” é o exercício literário técnico de determinar quais manuscritos antigos existentes da Bíblia são autoritativos e, portanto, pertencem ao cânone da Escritura. A alta crítica, usando técnicas de análise similares, e enlouquecendo no processo, argumenta que nada no cânone da escritura é o que parece ser, que o Deus Criador não inspirou direta ou unicamente nada em todo o seu conteúdo, e que os escribas que reuniram suas partes componentes séculos após o fato eram incompetentes patéticos que foram incapazes de seguir a lógica de qualquer argumento, ou manter nomes constantes por três páginas consecutivas, ou mesmo imitar o estilo do incompetente anterior, que inventou uma história imaginária e a incluiu num manuscrito anterior. Todas essas “descobertas” são alcançadas através de técnicas literárias supostamente precisas.

Esses críticos textuais consideram a Bíblia como uma espécie de romance literário, então eles aplicam ao estudo da Bíblia as mesmas técnicas utilizadas na crítica literária da ficção. Citarei os comentários de Wilson sobre a absurdidade dessas técnicas quando empregadas a romances. Com isso, podemos imaginar quanto mais absurdas seriam para a Bíblia. Ele faz referência a uma edição de *O Fauno de Mármore* de Hawthorne, editada pelo especialista em bibliografia elisabetana da Universidade de Virgínia, Fredson Bowers. Ele não poupa o sr. Bowers.

Mas o quarto volume da Edição Centenária das obras de Nathaniel Hawthorne, que contém apenas *O Fauno de Mármore*, é a obra-prima do mau trabalho editorial da MLA. Eu o pesei, e ele pesa quatro quilogramas. É um volume de 22,8 x 15,5 cm, com 6 cm de espessura. [...] *O Fauno de Mármore*, sendo principalmente trabalho do sr. Bowers, incorpora o seu espírito como nenhum desses outros volumes o faz. De suas 610 páginas, as 467 de Hawthorne são sobrecarregadas por 89 páginas de “Introdução Textual” e 143 páginas de “Notas Textuais”. Há 44 páginas de introdução histórica precedendo a introdução textual. Nelas, em consonância com a fórmula da MLA, lemos que no curso da escrita do livro, o autor, como romancistas frequentemente o fazem, mudaram os nomes de certos personagens; e que muitas das descrições nele – como foi obser-

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

vado, também uma prática comum – foram tiradas de seus cadernos italianos. Essa informação não é de interesse algum. Nem é de interesse ouvir que a esposa de Hawthorne corrigiu certas imprecisões nas descrições romanas e, fora isso, fez sugestões ocasionais, as quais Hawthorne nem sempre aceitou. Foi evidentemente difícil para o sr. Bowers descobrir que, no manuscrito original, o autor foi tão desatencioso ao ponto de frequentemente fazer suas alterações “removendo a tinta com o dedo enquanto ela ainda estava molhada e escrevendo por cima no mesmo espaço.” Mas os lugares onde esses borrões ocorrem foram cuidadosamente notados e listados (parece-me que todo esse procedimento se depara com um obstáculo intransponível quando nenhuma prova corrigida que mostre as revisões do autor sobreviveu.)²⁵

Wilson, então, faz a pergunta óbvia: “Agora, qual é o valor concebível das 276 páginas de tudo isso? Certamente, apenas o de satisfazer o grupo muito pequeno de bibliógrafos monomaníacos.” Ele conclui: “A ganância indiscriminada por esse tipo de lixo literário por parte das universidades é um sinal do pedantismo acadêmico no qual a literatura americana se encontra estagnada.”²⁶

²⁵ Edmund Wilson, *The Fruits of the MLA* (New York: New York Review Book, 1968), pp. 18-19.

²⁶ *Ibid.*, pg. 20.

Tudo isso é simultaneamente preciso e cômico. Mas essas mesmas técnicas de crítica literária e textual, quando aplicadas aos textos bíblicos por pedantes alemães monomaniacos e seus imitadores de segunda categoria anglo-americanos, têm, por mais de um século, minado a fé na integridade da Bíblia por todo o mundo.²⁷

Apóstatas Enganadores

Os adeptos da alta crítica apresentam a bíblia como uma colcha de retalhos mal remendada de mentiras e mitos, e então pioram a situação ao argumentar que a sua operação de desmistificação de alguma forma eleva a nossa visão da Bíblia. Por exemplo, o acadêmico bíblico (infelizmente) respeitado internacionalmente G. Ernest Wright e seu coautor argumentam que, na Bíblia, “O que

²⁷ Krentz admite abertamente sobre a crítica literária que “A teoria de quatro fontes da origem do Pentateuco e a teoria de duas fontes do inter-relacionamento Sinótico são os seus principais resultados. A crítica literária (de fonte) obteve um perfil mais claramente definido das várias fontes e livros, e dos autores por trás deles. Isso é indispensável para qualquer interpretação responsável da Bíblia.” Edgar Krentz, *The Historical-Critical Method* (Philadelphia: Fortress Press, [1975] 1977), pg. 50.

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

é importante é o que esse grande Senhor fez.”²⁸ Mas, assim que alguém faz a pergunta óbvia, “O que exatamente Deus fez?”, os autores correm para a cobertura do simbolismo e do suposto mito, para fugir do relato detalhado da Bíblia sobre o que Deus fez:

Isso fornece um indício para a nossa compreensão do material pré-histórico preservado em Gênesis 1-11. Essas tradições remontam à vaga e irrecuperável história de Israel; elas são as tradições populares de um povo, tradições que, em parte, remontam a um pano de fundo pré-cananeu e norte-mesopotâmico. Por essa razão, há pouca questão de história objetiva aqui. Em vez disso, nós nos deparamos com a questão do motivo pelo qual as velhas tradições foram escritas. Qual foi o propósito dos escritores que as preservaram para nós?²⁹

Perceba a mudança no argumento. Eles nos dizem, por um lado, que a Bíblia é um livro histórico, único no mundo antigo. A visão da Bíblia sobre Deus baseia-se diretamente no que Ele fez na história. Mas quando os capítulos principais que descrevem a criação do universo e

²⁸ G. Ernest Wright e Reginald H. Fuller, *The Book of the Acts of God: Christian Scholarship Interprets the Bible* (Garden City, New York: Doubleday, 1957), pg. 36.

²⁹ *Ibid.*, pg. 24.

a Queda do homem são considerados, assim como o dilúvio de Noé e a torre de Babel, os autores imediatamente mudam o seu foco para longe do que a Bíblia diz sobre Deus; eles mudam o seu interesse para que os hebreus mais tarde vieram a *acreditar* sobre Deus. O foco deles muda de Deus para o homem. Essa é a essência do humanismo. O fato é que o foco deles *começou* com o homem, em vez de Deus – o homem autônomo.

O acadêmico humanista insiste que não podemos lidar com Deus, que não é um fato objetivo da história que pode ser estudado. Podemos lidar apenas com *os pensamentos registrados do homem sobre Deus*, que são fatos objetivos da história que podem ser estudados. Van Til resumiu esse impulso humanista: “Os homens esperam encontrar em um estudo da *consciência religiosa* algo que nunca foi encontrado antes. Eles esperam descobrir o que a religião realmente é. É feita a alegação de que agora, pela primeira vez, a religião está sendo realmente estudada a partir do lado de dentro.”³⁰ A consciência religiosa humana se torna o fator determinante na história, não os

³⁰ Cornelius Van Til, *Psychology of Religion*, vol. IV de *In Defense of Biblical Christianity* (Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian & Reformed, 1971), pg. 7.

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

atos de Deus. Wright e Fuller deveriam ter intitulado o seu livro, *O Livro dos Escritos Antigos Sobreviventes de Dois Grupos Religiosos, Judaísmo e Cristianismo, Concernente aos Atos de um Deus Que Não Interage Realmente Com a História*. Se eles tivessem feito isso, é claro, a farsa acadêmica ficaria óbvia desde o início.

Ressurreição Histórica e Juízo Final

Não é só a criação do homem e sua subsequente queda da graça que precisa ser discretamente encoberta pelo lençol da história hipoteticamente objetiva, mas também a ressurreição de Cristo. Tanto o pecado quanto a redenção devem ser discutidos fora do escopo da revelação bíblica, já que, se o relato da Bíblia sobre o pecado e a redenção for levado a sério, então a questão do juízo final de Deus novamente se torna um problema fundamental. Esse é o problema que o homem autônomo deseja evitar acima de tudo. Assim, a ressurreição é relegada ao passado mítico, e mais uma vez os autores focam naquilo que um pequeno grupo de pessoas pensou sobre esse evento não histórico.

Finalmente, o que diremos sobre a ressurreição de Cristo, como entendida no Novo Testamento? Ela não pode ser um fato objetivo da história no

mesmo sentido como a crucifixão de Cristo o foi. Esta última foi um fato disponível a todos os homens como um acontecimento real, e escritores pagãos como Tácito e Josefo podem falar sobre ela. Mas, no Novo Testamento em si, o evento-fé da ressurreição na Páscoa é percebido apenas pelas pessoas da fé. O Cristo ressurreto não foi visto por todos, mas apenas pelos poucos. Assim, a Páscoa foi uma realidade apenas para aqueles no círculo interno dos discípulos e apóstolos. Essa não é uma arena na qual um historiador pode operar. Fatos disponíveis para todos os homens são os únicos dados com os quais ele pode trabalhar; os fatos disponíveis para a consciência de uns poucos não são história objetiva no sentido de um historiador.³¹

Eles fazem a distinção entre o “acontecimento real” da crucifixão e o “evento-fé” da ressurreição, que foi um evento de caráter muito diferente. Apenas os “fatos disponíveis a todos os homens” – significando fatos que são implicitamente possíveis de serem vistos por todos os homens – são “acontecimentos reais.” Isso significa que a ressurreição, de alguma forma, não foi um fato que, em princípio, todos os homens poderiam ter visto e verificado, da mesma forma que poderiam ter visto e verificado a crucifixão.

³¹ Wright e Fuller, *Acts of God*, pg. 25.

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

Em outras palavras, a ressurreição não foi um “acontecimento real”, apesar de os enganadores calculistas que escreveram *The Book of the Acts of God* [O Livro dos Atos de Deus] serem astutos demais para dizer isso de forma explícita, por medo de revelarem o que realmente creem. Eles argumentam que a ressurreição, portanto, não foi um evento histórico objetivo, não foi “um fato objetivo da história.”³²

A Bíblia nos conta uma história muito diferente. O fato da ressurreição de Cristo foi suficientemente objetivo que Paulo apelou para ele como um fato comumente conhecido quando se defendeu na corte do Rei Agripa: “Por que deveria ser algo incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?” (At. 26:8). Logo após, relembrou o cético Festo: “Porque o rei, diante de quem eu falo livremente, sabe estas coisas, porque eu estou persuadido que nenhuma dessas coisas lhe é oculta; pois isso não foi feito em um canto.” (At. 26:26). E, quando Paulo terminou, Agripa disse a ele: “Por pouco me persuades a me fazer cristão!” (At. 26:28, ACF). Mas os adeptos

³² Sobre o conceito anti-histórico de evento-ressurreição ou evento-fé na teologia neo-ortodoxa moderna, ver Cornelius Van Til, *Christianity and Barthianism* (Philadelphia: Presbyterian & Reformed, 1962), pp. 92-113.

da alta crítica não estão nem mesmo remotamente persuadidos. Eles veem como sua tarefa designada pelo homem confundir cristãos sobre a confiabilidade da fé ortodoxa, assim como confundir não-cristãos que, doutro modo, poderiam ser persuadidos.

Uma Nova Terminologia

Assim, os críticos inventaram uma nova terminologia, para melhor confundir a percepção de seus leitores. Por exemplo, seguindo o exemplo do profeta protestante de Immanuel Kant, Karl Barth, eles substituem a palavra decisiva e incriminatória *fato* pela grotesca e hifenada *evento-fé*. “Assim, temos de ver a ressurreição no Novo Testamento como um evento-fé, diferente de outros eventos, o qual, todavia, é real à comunidade cristã. Ele testifica do conhecimento de que Cristo está vivo, não morto. O Cristo vivo era conhecido como a cabeça da Igreja; e o seu poder era real. O processo, a maneira na qual ocorreu a transição de Cristo da morte para a cabeça viva da nova comunidade, e a linguagem usada para descrever essa transição (‘ressuscitou no terceiro dia’, ‘Ascensão’, ‘assunto aos céus’, ‘assentado à destra de Deus’) – essas são produtos da situação. São a linguagem temporal dos cristãos do pri-

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

meiro século. Para nós, elas são símbolos de verdade profunda e nada mais, apesar de serem símbolos difíceis de traduzir.”³³

É claro que são símbolos difíceis de traduzir, significando *difíceis de traduzir para categorias históricas aceitáveis para o humanismo liberal*, porque “ressuscitou no terceiro dia” e “assunto aos céus” significava a mesma coisa para um cristão do primeiro século que significa hoje. Esses acadêmicos apóstatas que caminham em direção ao inferno sofrem o mesmo problema que Félix sofreu quando ouviu o evangelho de Paulo, *medo*, pois Félix tremeu (At. 24:25). Eles querem evitar pensar sobre a mensagem de salvação da Bíblia, pois ela também é a mensagem do juízo final inevitável de Deus. A mensagem bíblica de salvação é a única alternativa para a mensagem bíblica de tormento eterno.³⁴

Os adeptos da alta crítica tornaram-se os supremos criadores de mitos ao proclamar a existência de um conjunto de ideais elevados que, de alguma forma, são associados com os mitos (i.e., farsas) bíblicos. Após dizer ao leitor que os primeiros capítulos de Gênesis não são históri-

³³ Wright and Fuller, *Acts of God*, pg. 25.

³⁴ Gary North, “Epílogo do Editor”, em David Chilton, *A Grande Tribulação* (Pós-Milenismo Produções, 2025).

cos, mas simplesmente simbólicos, os autores nos dão a seguinte garantia com relação à história da queda de Adão: “Mas que não sejamos enganados pela simples forma de apresentação por meio de uma história. A grandeza dessa história está em sua percepção sobre a natureza interior do homem e na maneira simples na qual ela apresenta essa percepção.”³⁵ Eles primeiro apresentam evidências que, se verdadeiras, qualquer leitor sensato – i.e., qualquer um que não fosse um proponente da alta crítica com doutorado – reconheceria claramente como evidências de que a Bíblia é uma farsa gigantesca, e então eles falam como se essa “nova e melhorada” compreensão da Bíblia fosse levar a sociedade à ideais mais elevados e à justiça moral. Eles são exemplos clássicos da descrição de C. S. Lewis da cultura humanista moderna: “Em uma espécie de ingenuidade macabra, removemos o órgão e demandamos sua função. Criamos os homens sem peito e esperamos deles a virtude e a iniciativa. Zombamos da honra e ficamos chocados ao encontrar traidores em nosso meio. Nós os castramos e exigimos dos castrados que sejam frutíferos.”³⁶

³⁵ Wright e Fuller, *Acts of God*, pf. 61.

³⁶ C. S. Lewis, *A abolição do homem* (Thomas Nelson Brasil, 2017), 2ª Edição Kindle, loc. 318.

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

O que os adeptos da alta crítica querem que acreditemos é no mundo de acordo com Immanuel Kant, um universo dialético composto de dois mundos completamente separados: o mundo fenomenal de fatos históricos – fatos estes sem sentido fora de suas interpretações por parte dos homens – e o mundo numenal trans-histórico do sentido humano – um sentido completamente atemporal e não-cognitivo – que é completamente distinto do mundo fenomenal de causa e efeito mensuráveis.³⁷ O homem autônomo situa-se na interseção destes dois mundos dialéticos e, de alguma forma, cria algum sentido para si mesmo. Deus recebe homenagem apenas como o deus desconhecido dos gregos (At. 17:23), e pior ainda, como o deus inerentemente *incognoscível*. Um deus incognoscível é o único deus aceitável ao homem autônomo moderno, pois um deus incognoscível presumidamente não traria um juízo final sobre a humanidade finita não-informada e não-informável. Nunca devemos nos esquecer: *o objetivo primário do autoproclamado homem autônomo é fugir do juízo final de Deus*. Assim, para fugir deste juízo, os adeptos da alta crítica tecem uma teia de verborreia pomposa

³⁷ Richard Kroner, *Kant's Weltanschauung* (Chicago: University of Chicago Press, [1914] 1956).

que eles esperam e oram – bem, ao menos esperam – que os proteja das consequências eternas de sua rebelião contra Deus.

Quem é o Farsante?

Nossos autores fazem três perguntas retóricas, e então dão aos seus infelizes leitores uma tigela de purê mental morna em resposta. Primeiro, as questões: “Ainda assim, sempre haverá a pergunta latente final: Será que a Bíblia é verdadeira? O que é verdade e o que é apenas simbólico? Não posso ter nada que seja absolutamente certo?” Então vem o purê: “A resposta deve ser que o símbolo *é* a verdade. Não temos nenhuma outra verdade. Sabemos que não é verdade literal, mas sabemos também que o retrato bíblico é a relação entre o infinito desconhecido e nós no aqui e agora. Nenhuma linha divisória precisa pode ser traçada entre o que é absolutamente real e o símbolo poético, porque Deus não nos fez infinitos.”³⁸ Em suma, eles argumentam que, por eu não ser infinito, e, portanto, não ser Deus, não preciso temer um Deus infinito, pois a minha própria finitude me impede de conhecer a Deus. Paulo já respondera a esse mesmo argu-

³⁸ Wright and Fuller, *Acts of God*, pg. 37.

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

mento muitos séculos atrás:

Porque a ira de Deus é revelada do céu contra toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça. Porque aquilo que de Deus se pode conhecer é manifesto neles, pois Deus o manifestou a eles. Porque as coisas invisíveis, desde a criação do mundo, são claramente vistas, sendo entendidas por meio das coisas que são feitas; o seu eterno poder e divindade, para que eles fiquem inescusáveis. (Rm. 1:18-20).

A Bíblia dos adeptos da alta crítica não pode possivelmente ser aquilo que diz claramente que é: a Palavra revelada do Criador e Juiz do universo. Agora, se a Bíblia não é realmente o que diz ser, então ela deve ser uma farsa. Assim que a implícita, porém astutamente oculta, acusação de fraude é feita, a pergunta surge: Quem é o verdadeiro farsante, Deus ou o alto crítico? Não deve haver dúvidas em nossas mentes: o crítico literário é o criador de mitos. A alta crítica literária da Bíblia é uma farsa. Nenhuma outra palavra faz justiça a ela. É uma fraude, uma mentira, uma negação de que a Palavra revelada de Deus seja o que diz ser.³⁹ Wright e Fuller cometem um clás-

³⁹ Oswald T. Allis, *The Five Books of Moses* (Philadelphia: Presbyterian & Reformed, [1943] 1949). Eu aprecio o subtítulo do livro, remanescente do século XIX: *Um Reexame*

sico lapso freudiano ao usarem a palavra *forjado* com o sentido de “moldado como em uma forja”, quando é mais fácil interpretá-la como “falsificado” (como em “assinatura forjada”): “É bem legítimo usar os métodos de crítica histórica e literária que foram forjados durante o período liberal para reconstruir a história subjacente.”⁴⁰ E de fato são forjados! A alta crítica baseia-se na pressuposição de que toda a moral é relativa ao tempo e ao local histórico, e que as leis da Bíblia, um documento humano estritamente histórico, são também relativas. Ela nega a unidade e a integridade moral da Bíblia.

Criticando a Crítica Textual

Os métodos usados pelos adeptos da alta crítica são circulares: eles usam os textos literários reconstruídos de seus colegas para reconstruir o

da Teoria Moderna de que o Pentateuco é uma Compilação Tardia de Fontes Diversas e Conflitantes por Autores e Editores Cujas Identidades são Completamente Desconhecidas. V. tb. Allis, *The Old Testament: Its Claims and Its Critics* (Nutley, New Jersey: Presbyterian & Reformed, 1972); Robert Dick Wilson, *A Scientific Investigation of the Old Testament*, com revisões de Edward J. Young (Chicago, Illinois: Moody Press, 1959); Edward J. Young, *Thy Word Is Truth* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1957).

⁴⁰ Wright and Fuller, *Acts of God*, pg. 237.

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

passado bíblico, e usam o seu próprio passado bíblico recém-reconstruído para reconstruir ainda mais os textos bíblicos. E assim o jogo acadêmico continua, não tendo nenhum outro sentido, a não ser os propósitos fúteis aos quais as mentes de pessoas muito entediadas podem se dedicar.

Essas técnicas literárias são altamente complexas, porém incrivelmente ordinárias. Os adeptos possuem pouquíssima concordância entre si; não chegam a conclusões verificáveis; e suas técnicas exigidas demandam quantidades desmedidas de tempo para serem dominadas. O acadêmico bíblico liberal Calum Carmichael minimiza a situação quando ele alerta seus leitores: “A crítica histórica e literária é inegavelmente útil ao trabalhar com fontes antigas, mas ela não apenas possui limitações, como também, por vezes, não leva a lugar algum. Uma restrição manifesta à sua aplicação à maior parte do material bíblico é que os resultados históricos conjecturados não podem ser corroborados. O caráter especulativo da maioria de tais resultados é facilmente relevado pelo fato de o método histórico estar tão profundamente consolidado nas abordagens acadêmicas. Distanciando-nos um pouco, podemos ver o quão frágil o método histórico é. [...] O procedimento é desanimador, tedioso de se ler, difícil de se seguir e, em grande

parte, ilusório, dada a parcimônia dos resultados e as realidades históricas conjecturadas pontilhadas aqui e ali sobre um vasto intervalo de tempo. O seu aspecto mais deprimente é o menosprezo sem dúvidas não intencional da inteligência do legislador responsável pela apresentação do material disponível para nós. E. M. Forster, impressionado pela forma indiferente com a qual tratamos o passado, atribuiu a atitude ao fato de que aqueles que viveram naquela época estão todos mortos e não podem se levantar para protestar.”⁴¹

Ele está sendo caridoso demais. O “menosprezo da inteligência do legislador responsável pela apresentação do material disponível para nós” é totalmente intencional, pois esse Legislador é o Deus Todo-Poderoso, que julgará todos os homens no dia do juízo. Os proponentes da alta crítica estão determinados em negar que tal Legislador cósmico exista, e eles fazem o seu melhor para fazer as Suas leis parecerem uma coleção incoerente de pronunciamentos desconexos e autocontraditórios, uma mixórdia judicial compilada por uma série de editores que,

⁴¹ Calum M. Carmichael, *Law and Narrative in the Bible: The Evidence of the Deuteronomic Laws and the Decalogue* (Ithaca, New York: Cornell University Press, 1985), pg. 14.

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

aparentemente, não puderam manter em suas memórias qualquer coisa que foi escrita no texto diante deles três linhas adiante ou atrás. De alguma forma, esses mestres enganadores antigos da linguagem e das sutilezas textuais não foram capazes de manter a continuidade de nenhum argumento, e nem de se lembrar do roteiro mesmo de uma história de apenas uma página. Suas tentativas desastradas de revisar os textos antigos para os seus próprios propósitos contemporâneos foram realizadas de forma tão tosca que eles obtiveram êxito apenas em distorcer o texto de maneira que nenhum leitor cuidadoso pudesse possivelmente crer que Deus teria revelado o Pentateuco a um único homem, Moisés.

Não é o Pentateuco que é desconexo. Não foram os hipotéticos “editores tardios” que não puderam manter um raciocínio consistente em suas mentes. Na realidade, é o exército profissional pago de proponentes da alta crítica que se adequa a tais descrições. Eu aprecio os comentários de C. S. Lewis, como um mestre da literatura inglesa medieval e do início da modernidade, com relação à capacidade dos críticos textuais de compreenderem os textos que analisam: “Esses homens me pedem para acreditar que podem ler nas entrelinhas dos textos antigos; é evidente sua óbvia incapacidade de ler (em qualquer sentido

que valha a pena discutir) as próprias linhas. Eles alegam ver samambaia e não podem ver um elefante a dez metros de distância em plena luz do dia.”⁴²

⁴² C. S. Lewis, *Reflexões Cristãs* (Thomas Nelson Brasil, 2019), 2ª Edição Kindle, loc. 3839

3

A ÉTICA DA ALTA CRÍTICA

Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, orgulhosos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, falsos acusadores, incontinentes, cruéis, inimigos daqueles que são bons, traidores, obstinados, soberbos, mais amantes dos prazeres do que amantes de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando o poder dela. Destes, afasta-te. Porque deles fazem parte os que entram sorrateiramente nas casas e levam cativas mulheres tolas carregadas de pecados, levadas por várias concupiscências, que sempre aprendem e nunca são capazes de chegar ao conhecimento da verdade. (2 Tm. 3:2-7)

O verdadeiro motivo por trás da alta crítica é de ordem ética. Isso, também, foi o que Van Til afirmou: o problema do homem que viola o pacto não é uma falta de conhecimento sobre Deus, mas sim a sua *falta de obediência* a Deus. Os proponentes da alta crítica buscam confundir o homem torando nebulosas as exigências éticas da santa Palavra de Deus. Se eles estivessem corretos, então não poderia haver juízo final, pois as sanções de Deus requerem as estipulações permanentes de Deus. Para negar o juízo de Deus, dever-se-ia presumir que Suas estipulações fos-

sem incoerentes, confusas e limitadas à consciência individual, em vez de coerentes, claras e universais a toda consciência humana.

Karl Barth foi um defensor de tal ética radicalmente individual, uma ética que se adequava à sua tese de um encontro radicalmente dialético, incoerente e negador de credos entre Deus e o homem – um encontro numenal além da natureza e da história. Ele negou como “inviável” a suposição da universalidade dos comandos éticos de Deus, pois “o comando de Deus [...] é sempre um comando individual para um homem específico, em um momento específico e numa situação específica. [...]”⁴³ Em suma, de acordo com Barth, não poderia existir uma ética cristã permanente revelada por Deus, nem estatutos civis em conformidade com princípios bíblicos fixos. Estatutos e credos supostamente, são apenas invenções de homens, não as respostas humanas apropriadas para a revelação fixa e confiável de Deus num documento histórico inspirado por Ele. Desse modo, Barth proclamou o triunfo do mundo numenal trans-histórico da aleatoriedade

⁴³ Karl Barth, *Church Dogmatics*, trad. A. T. Mackay (Edinburgh: T. & T. Clark, 1961), Vol. 3, Part 4, pg. 11; citado por Walter Kaiser, Jr., *Toward Old Testament Ethics* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Academie, 1983), pg. 25.

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

sobre o mundo fenomenal histórico de causa e efeito previsíveis, ambos definidos por Kant, tudo em nome de uma ética e de percepções críticas mais elevadas. Esta foi a asserção de Barth do triunfo do relativismo histórico e ético sobre a Bíblia. Este foi o seu anúncio do triunfo do homem violador do pacto sobre Deus e, acima de tudo, sobre o juízo final. O homem autônomo busca impor seus juízos temporais sobre Deus negando a validade da revelação histórica de Deus sobre Si mesmo. Isso, claramente, é precisamente o que Adão tentou fazer no jardim ao comer do fruto proibido em rebelião contra a revelação explícita de Deus. Os resultados são igualmente previsíveis.

Padrões Permanentes para o Juízo Eterno

Um Deus justo que julga os homens eternamente o faz apenas com base num *sistema ético unificado*. Apenas pelo fato de os padrões éticos nunca mudarem é que se pode ter uma punição imutável. Se os textos não são eticamente unificados, então não há ameaça ao homem por parte do Deus da Bíblia. Assim, a “diretiva primária” da alta crítica é afirmar a falta de unidade na Bíblia. Essa é a pressuposição operante do “alto” crítico quando ele começa a estudar a Bíblia.

Ele adota um processo de cinco passos. Primeiro, ele *supõe* que os livros da Bíblia estão textualmente bagunçados. Segundo, ele tenta *provar* que os livros da Bíblia estão textualmente bagunçados. Terceiro, ele *supõe* que, através de uma fabricação criativa de mitos, ele próprio pode produzir uma reconstrução significativa do que os autores antigos (“redatores”) realmente queriam transmitir a toda a humanidade, a despeito dos objetivos de curto prazo de cada um de manipulação política ou burocrática. Quarto, ele tenta apresentar uma *mensagem “mais profunda”* para o homem moderno que transcende os textos infelizmente bagunçados da Bíblia. Por fim, o alto crítico oferece *a sua versão da verdadeira unidade ética transcendental da Bíblia*. De alguma forma, essa recém-descoberta unidade ética transcendental sempre acaba soando como o manifesto político da última década em nome de uma social-democracia, ou, doutro modo, soa como marxismo.

Um bom exemplo desse pressuposto operante de desunião textual é a observação de J. L. Houlden de que “Não há, estritamente falando, nada como ‘o X do Novo Testamento’. [...] É apenas às custas de ignorar a individualidade de cada componente, em pensamento e expressão, que o relato unificado pode emergir. [...] Não pode ha-

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

ver nenhuma suposição inicial de harmonia.”⁴⁴ Então, é supostamente ilegítimo falar do “X do Novo Testamento.” Bem, que tal o *Autor celestial* do Novo Testamento? Por que não resolver a equação como “X = Deus”? Lamento, diz Houlden implicitamente, não podemos começar com nenhuma pressuposição como essa. Bem, então, e que tal “a gramática do Novo Testamento”? Sugiramos “X = gramática.” Houlden, então, fica em silêncio, como convém a um homem que negou implicitamente a coerência gramatical do grego do Novo Testamento. Se ele seguir a lógica de sua afirmação, a gramática do grego desaparece e, com ela, a gramática no geral. A coerência do universo do discurso racional desaparece, sem mencionar a coerência do universo em si. Assim que você começa a jogar esse tipo de jogos verbais, a natureza autocontraditória deles devora sua admirada neutralidade acadêmica.

Contrário ao proposto pelo Sr. Houlden, devemos começar nossos estudos bíblicos (e todo outro tipo de estudo) com a pressuposição da Trindade ontológica autocontida e Sua criação do

⁴⁴ J. L. Houlden, *Ethics and the New Testament* (Middlesex, England: Penguin, 1973), pg. 2; citado por Kaiser, *ibid.*, pg. 13.

universo a partir do nada. Devemos começar com a distinção Criador-criatura, como Van Til afirmou por toda a sua carreira. Devemos começar com a pressuposição da unidade e harmonia da expressão de Deus de Si próprio na Palavra de Deus, a Bíblia. Se não começarmos com esse conjunto de pressupostos, nos encontraremos tão intelectualmente impotentes quanto os proponentes acadêmicos da alta crítica da Bíblia, que acham difícil compreender qualquer coisa.

O Lema Partidário

Os proponentes da alta crítica estão sempre em alerta para qualquer indício de defecção do lema partidário concernente ao relativismo ético. Hans Kochen Boecker critica o Posfácio de outro acadêmico alemão, H. -D. Bracker. Herr Doctor Bracker cometeu uma gafe acadêmica ao concluir em 1962 que “A lei de Israel superou em muito as outras três [a babilônica, a hitita e a assíria] em sua pureza ética e em sua humanidade.” Tal conclusão é “altamente suspeita”, Herr Doctor Boecker garante aos seus leitores.⁴⁵ Por que essa conclusão seria “altamente suspeita”? Porque ela

⁴⁵ Hans Jochen Boecker, *Law and the Administration of Justice in the Old Testament and Ancient East*, trad. Jeremy Moiser (Minneapolis, Minnesota: Augsburg, [1976] 1980), pg. 16.

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

rompe com a suposta neutralidade acadêmica e relativismo ético da erudição moderna, especialmente a erudição bíblica moderna.

Acadêmicos jovens são sutilmente informados desde o início de suas carreiras como estudantes de graduação que eles devem sempre começar com o pressuposto de que todas as fés religiosas são iguais (exceto o fundamentalismo, que prega uma Bíblia infalível), todos os sistemas políticos são iguais (exceto a Alemanha Nazista, é claro, principalmente por que os nazistas perderam a guerra, e o da África do Sul, que não é baseado nas políticas da África negra: “um homem, um voto, apenas uma vez”), e todas as nações são iguais (exceto os Estados Unidos, que apenas ocasionalmente ousa questionar a União Soviética). O que esse tipo de cosmovisão produz são homens sem espinha dorsal que não podem distinguir a verdade do erro, a justiça da perversão, ou uma causa pela qual vale a pena morrer do último slogan político. É apenas pela graça comum de Deus que eles podem distinguir a AIDS da escarlatina, exceto pelo fato de provavelmente pesarem que as pessoas com escarlatina deveriam ser postas em quarentena.

Então, para provar tudo isso, os proponentes da alta crítica gastam de forma deliberada as suas vidas propensas a miopia buscando por evidên-

cias internas que neguem a unidade daquele documento histórico. Eu concordo com a observação de Walter Kaiser da ligação crucial entre a alta crítica e a perda de fé do homem na unidade da mensagem bíblica (incluindo as exigências éticas): “Para muitos, presumir que há consistência dentro de um livro ou mesmo uma série de livros atribuídos a um mesmo autor é ir longe demais, pois muitos asseveraram que várias formas de crítica literária sugeriram que estes são documentos compostos que frequentemente se apresentam, de forma tradicional, como escritos por um único autor. Esse argumento, mais do que qualquer outro nos últimos dois séculos, foi o responsável por romper o principal nervo do argumento para unidade e autoridade da mensagem bíblica.”⁴⁶

Alta Crítica e Evolução

A alta crítica baseia-se num modelo evolucionário da moral e da história humanas. Ela supõe, e então busca provar, que os textos da Bíblia, e especialmente do Antigo testamento, foram deliberadamente alterados por escribas e “redatores” posteriores para conformar a mensagem da Bíblia aos últimos princípios éticos e econômicos

⁴⁶ Kaiser, *Toward Old Testament Ethics*, pg. 26.

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

de seus dias. Ela ajudou a criar o clima de opinião intelectual do início do século XIX que foi tão favorável para o darwinismo após 1859. Relativismo ético é uma ideia que tem consequências perniciosas. Algum dia, algum acadêmico cheio de iniciativa irá escrever uma monografia rastreando ao menos uma das raízes históricas do nazismo até a alta crítica alemã. As origens do nazismo foram traçadas até praticamente qualquer outra coisa na história alemã, mas essa possibilidade em questão foi considerada como fora de cogitação por historiadores seculares; certamente atingiria um ponto bem sensível, teologicamente falando. A obra *Life of Jesus* [A Vida de Jesus] de D. F. Strauss serve como um ponto de partida para tal investigação. Arthur Cohen sugeriu essa ligação histórica, e ela merece um estudo detalhado.⁴⁷ O alerta de Cohen deve ser levado a sério: é perigoso separar ética da fé, que é o que a alta crítica fez. “Os teólogos do século XIX foram verdadeiramente bem-sucedidos: a ética da Bíblia Hebraica foi depurada pelos Evangelhos e a ética restaurada à consciência cristã era a ética para o ‘tempo intermediário’, quando a história aguardava o retorno de Cristo.

⁴⁷ Arthur A. Cohen, *The Myth of the Judeo-Christian Tradition* (New York: Schocken, 1971), pp. 199-200.

O expurgo dos elementos judaicos no cristianismo teve resultados desastrosos.”⁴⁸

Um exemplo acadêmico representativo dos frutos podres da alta crítica é apresentado pelo historiador da economia Morris Silver, que gasta um volume inteiro tentando meticulosamente ordenar e fazer coerente um imenso corpo de evidências arqueológicas, econômicas, e textuais da alta crítica para provar o que os proponentes da alta crítica supõem, a saber, que o Livro de Deuterônomo foi escrito muitos séculos após o êxodo. “Uma hipótese central desse livro é que Deuterônomo representa uma tentativa de revisar e expandir o antigo código de lei divina *e, desse modo, as práticas legais do estado israelita* na luz das circunstâncias de uma sociedade muito mais afluente.”⁴⁹ Não deveria ser de se surpreender que a sua apresentação da evidência seja dolorosa de se seguir, quanto mais de se lembrar: ele combina uma falsa hipótese inicial com centenas de citações desconexas de um corpo de fontes acadêmicas extremamente desconexo.

Há outro objetivo intelectual de maior importância na alta crítica além de redatar o re-

⁴⁸ *Ibid.*, pg. 200.

⁴⁹ Morris Silver, *Prophets and Markets: The Political Economy of Ancient Israel* (Boston: Kluwer-Nijhoff, 1983), pg. 230.

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

cebimento das leis de Deus para poder relativizá-las: redatar cada documento em que uma profecia específica mais tarde se concretizou. O autor da profecia deve tê-la escrito após o evento profetizado ter ocorrido. Dessa forma, a assim chamada profecia é considerada como uma mera mentira conveniente por parte de um redator, i.e., um mito. Mesmo quando essa tática de redação não é invocada, adeptos da alta crítica permanecem céticos com relação a todas as profecias que predizem o futuro. Jeremias profetizou a morte do falso profeta Ananias, e Ananias morreu mais tarde naquele mesmo ano (Jr. 28:15-17). Silver pergunta retoricamente: “Essa história representa um mito, sugestão hipnótica, coincidência ou assassinato político?”⁵⁰ O que ela não poderia possivelmente representar, em sua cosmovisão, é uma profecia cumprida.

Se uma pessoa deriva a sua ética da história, e então embaralha os dados históricos por meio de um esquema cronológico errôneo, tanto sua ética quanto sua historiografia estarão em apuros.⁵¹ Ele escreverá absurdos como esses: “[...] o

⁵⁰ *Ibid.*, pg. 140.

⁵¹ Há pouquíssimas tarefas intelectuais mais urgentes para os historiadores cristãos do Antigo Oriente Próximo e da Grécia e Roma clássicas que repensar as várias cronologias anteriores a aproximadamente 750 a.C. Cf. Gary North,

aspecto indispensável de fertilidade agrária do baalismo⁵² há muito havia se tornado parte tradicional da adoração a Javé, aceito naturalmente até mesmo por Amós e Oseias. É um equívoco ingênuo supor que este alcançara sua forma final mesmo nos tempos de Moisés e do Êxodo. Como Morgenstern⁵³ observa muito bem, a religião judaica é o produto de evolução histórica para atender as necessidades do povo judeu ‘desde o remoto período do deserto até os dias atuais.’ O único ‘javismo puro’ é um javismo morto.”⁵⁴ A bibliografia do livro é impressionante, mas suas conclusões são triviais nas ocasiões em que estão corretas. Tal é o destino interminavelmente re-

Moses and Pharaoh: Dominion Religion vs. Power Religion (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1985), Apêndice A: “The Reconstruction of Egypt's Chronology.”

⁵² Citando Ivan Engnell, *Studies in Divine Kingship in the Near East* (Oxford: Basil Blackwell, [1943] 1967), pg. 172.

⁵³ Julian Morgenstern, *Rites of Birth, Marriage, Death and Kindred Occasions Among the Semites* (Cincinnati, Ohio: Hebrew Union College Press, 1966), pg. 64. Se houve um único indivíduo que poderia ser considerado o maior responsável por corromper o judaísmo americano por meio da alta crítica, foi o notável e longevo Julian Morgenstern. Para um sumário de sua vida, ver Morris Lieberman, “Julian Morgenstern- Scholar, Teacher and Leader”, *Hebrew Union College Annual*, XXXII (1961), pp. 1-9.

⁵⁴ Silver, *Prophets and Markets*, pg. 124

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

pedido da erudição da alta crítica e dos estudos históricos baseados na alta crítica: as trombetas acadêmicas soam, e um rato marcha, arrastando por trás dele uma montanha de cronologias embaralhadas e notas de rodapé para obscurecê-las, junto a artigos de periódicos acadêmicos não lidos e ilegíveis, deixando em seu caminho um rastro de fezes para outros ratos ocupados seguirem.

Hoje, a alta crítica é uma disciplina acadêmica obsoleta que serve as necessidades do humanismo ao manter os acadêmicos linguisticamente hábeis, mas estilisticamente deficientes empregados em tempo integral. Ela também serve para manter cristãos academicamente educados confusos sobre a legitimidade dos comandos dados por Deus. Acadêmicos cristãos prestam muita atenção nas últimas descobertas dos proponentes da alta crítica, preenchendo seus próprios periódicos acadêmicos que não são lidos com modificações vagamente conservadoras de, e uma ocasional refutação de, algum ensaio não lido em algum periódico acadêmico da alta crítica. Em contraste, acadêmicos seculares hoje prestam bem pouca atenção aos métodos ou às descobertas da alta crítica. Isso revela uma situação muito melhor para os acadêmicos seculares do que para os acadêmicos neo-evangélicos

que sucumbiram ao canto da sereia da respeitabilidade acadêmica certificada, e que adotaram uma atitude de “eu também, mas não tão radical assim, pelo menos não ainda.”

Não nego que um acadêmico linguisticamente hábil ocasional como Robert Dick Wilson, O. T. Allis, ou Edward J. Young deveria dedicar uma vida refutando as melhores e mais influentes das apresentações dos proponentes da alta crítica. Essa é uma subdivisão da apologética – a defesa intelectual da fé. Mas, certamente, há pouca necessidade de cristãos subsidiarem a massa daquilo que é oferecido como estudos acadêmicos do Antigo Testamento nos dias de hoje: ensaios estreitamente focados que provam ou refutam teses que ninguém considera relevante, teses que quase certamente serão abandonadas em menos de cinco anos, e isso nos raros casos em que alguém as adota, em primeiro lugar.

CONCLUSÃO

*Jesus lhe disse: Deixa que os mortos enterrem os seus mortos; mas vai tu e prega o reino de Deus.
(Lucas 9:60)*

Cristãos cometeram o erro de considerar os debates sobre a alta crítica como sendo o hábito peculiar de especialistas de linguística e teólogos. O fato é que, desde o princípio da ascensão do humanismo, tem ocorrido uma guerra entre aqueles que defendem a Bíblia, especialmente o Antigo Testamento, e aqueles que rejeitam esse testemunho. Esse debate, pela maior parte de sua história, envolvia toda a cultura, o que hoje chamamos de um conflito entre visões abrangentes de mundo e de vida. Foi apenas nas mãos de acadêmicos modernos que o debate se tornou estreitamente focado em questões técnicas de análise textual. As gerações anteriores reconheciam que o debate era muito mais importante do que os acadêmicos modernos estão dispostos a admitir.

A tarefa do acadêmico cristão em defender a Bíblia como a Palavra de Deus não deve ser estreitamente focada. O debate não se originou na biblioteca da universidade, mas sim nos conflitos sociais daqueles dias. Os participantes entenderam que o resultado desse debate acadêmico

Conclusão

sobre a integridade textual da Bíblia determinaria quem ganharia e reteria o controle das posições de poder. Esse conflito foi uma questão de vida ou morte para a cultura inglesa do início do período moderno, e foi reconhecido dessa maneira por seus participantes.

Essa percepção da magnitude do debate foi perdida para os acadêmicos bíblicos modernos. Humanistas reescreveram a história para minimizar a importância da Bíblia para o pensamento e cultura ocidentais. Cristãos evangélicos geralmente concordaram com essa visão da história ocidental, quase que de forma automática. Membros do mundo acadêmico evangélico foram treinados pelos humanistas que controlam o acesso às principais instituições de ensino superior (i.e., reconhecimento sindical). Ao mesmo tempo, leigos nos bancos das igrejas também aceitaram a visão dos humanistas sobre a natureza periférica da influência da Bíblia no início da história moderna, porque tal visão da falta de relevância da Bíblia na história está em conformidade com a mentalidade daquilo que foi chamado de a esquerda da Reforma: pietismo anabatista. Essa tradição tem estado em guerra contra a lei do Antigo Testamento desde a sua concepção. De fato, esse movimento foi um dos precursores da alta crítica, pois ele contrastava a

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

Bíblia com o testemunho interior do espírito do homem, e elevava este último sobre aquela.⁵⁵ Esse legado da internalização da Palavra de Deus triunfou na igreja moderna através do fundamentalismo do século XX: graça sobre a lei.⁵⁶ Mais uma vez, vemos evidência da aliança implícita entre a religião do poder e a religião da fuga.

É hora dos acadêmicos cristãos do Antigo Testamento pararem de dar murros contra o vento, engajando-se em debates infrutíferos contra os proponentes da alta crítica, que não ouvirão a um acadêmico defensor da Bíblia mais do que ouviram a Moisés e a Cristo. É hora de os acadêmicos bíblicos ortodoxos irem para o Pentateuco para compreender o que ele diz, não para descobrir outro indício de evidência de que Moisés real e verdadeiramente o escreveu. Sem dúvidas, há lugar na divisão de trabalho intelectual para cristãos hábeis na área da linguística defenderem a integridade da Bíblia contra os ultrajes incoerentes dos proponentes da alta crítica, mas essa tarefa técnica deve ser posta em baixa

⁵⁵ Henning Graf Reventlow, *The Authority of the Bible and the Rise of the Modern World* (Philadelphia: Fortress Press, [1980] 1985), cap. 3.

⁵⁶ Douglas W. Frank, *Less Than Conquerors: How Evangelicals Entered the Twentieth Century* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1986).

Conclusão

prioridade. O que realmente precisamos é de um grande esforço de pesquisa sobre a cronologia do Pentateuco – não sobre quando Moisés escreveu o Pentateuco, mas sobre o que estava acontecendo nas nações circundantes durante o tempo do êxodo. Precisamos de uma reconstrução da cronologia da antiguidade, uma baseada na presunção de que a Bíblia nos dá os documentos de fonte primária autoritativos, não o Egito ou a Babilônia. Tal projeto manteria muitos acadêmicos intelectualmente hábeis produtivamente ocupados por várias gerações.

Enquanto isso, deixemos que os proponen-tes da alta crítica se afoguem em suas próprias notas de rodapé, da mesma forma que Ário morreu precipitando-se de cabeça numa latrina aberta.⁵⁷ Que os mortos enterrem os mortos, preferencialmente de cabeça para baixo em um periódico acadêmico.

⁵⁷ R. J. Rushdoony, *Fundamentos da Ordem Social: Estudo Sobre os Credos e Concílios da Igreja Primitiva* (Editora Monergismo, 2019), pg. 38.

BIBLIOGRAFIA

Os seguintes livros representam uma introdução ao tópico da alta crítica da Bíblia. A primeira seção lista livros de defensores da infalibilidade da Escritura. A segunda, lista materiais que lidam com o tópico desprezado por muito tempo e crucial da cronologia antiga.

É a minha asserção que o único maior fracasso dos acadêmicos bíblicos modernos que se opõem à alta crítica é a sua aceitação das cronologias dos humanistas, especialmente com relação ao tempo anterior a 750 a.C. Os humanistas, por mais de um século, tem baseado uma parte significativa de seu argumento contra o Antigo Testamento na sua própria reconstrução da cronologia do Egito, que eles aceitaram como definitiva, a despeito do fato de que os egípcios se importavam pouco com cronologia e registros históricos temporais. Essa pronta aceitação das cronologias humanistas levou acadêmicos cristãos repetidamente a armadilhas, especialmente em suas tentativas de identificar certos faraós mumificados como o faraó do êxodo. Também levou acadêmicos que creem nas Escrituras a uma aceitação de uma data tardia para o êxodo (pós-1445 a.C.), uma concessão que é o equivalente a

uma descida escorregadia em direção a um precipício.

Crítica Textual

Allis, Oswald T. *The Five Books of Moses*. Second edition, 1949. Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian & Reformed.

_____. *The Old Testament: Its Claims and Its Critics*. 1972. Nutley, New Jersey: Presbyterian & Reformed.

Archer, Gleason. *A Survey of Old Testament Introduction*. 1964. Chicago: Moody Press.

Guthrie, Donald. *New Testament Introduction*. 1971. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press.

Harris, R. Laird. *Inspiração e Canonicidade da Bíblia*. 2019. Editora Cultura Cristã.

Harrison, Roland K. *Introduction to the Old Testament*. Second edition, 1974. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans.

Reventlow, Henning Graf. *The Authority of the Bible and the Rise of the Modern World*. (1980) 1984. Philadelphia: Fortress Press.

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

Wilson, Robert Dick. *A Scientific Investigation of the Old Testament*. Revisions by Edward J. Young. 1959 edition. Chicago: Moody Press.

Young, Edward J. *An Introduction to the Old Testament*. Revised edition, 1960. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans.

_____. *Thy Word Is Truth*. 1949. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans.

Reconstrução Cronológica

Courville, Donovan. *The Exodus Problem and Its Ramifications*. 1971. Lorna Linda, California: Challenge Books.

Fell, Barry. *Bronze Age America*. 1982. Boston: Little, Brown.

_____. *Saga America*. 1980. New York: Times Books.

Gentry, Kenneth. *The Beast of Revelation*. 1989. Tyler, Texas: Institute for Christian Economics.

_____. *Antes da Queda de Jerusalém: Um Estudo da Data de Composição do Livro de Apocalipse*. 2025. Pós-Milenismo Produções.

de Grazia, Alfred, editor. *The Velikovsky Affair: The Warfare of Science and Scientism*. 1966.

Bibliografia

- New Hyde Park, New York: University Books.
- Newton, Isaac. *The Chronology of the Ancient Kingdoms Amended*. 1725.
- North, Gary. *Moses and Pharaoh: Dominion Religion vs. Power Religion*. 1985. Tyler, Texas: Institute for Christian Economics. Appendix A: "The Reconstruction of Egypt's Chronology."
- Taylor, Charles. *Rewriting Bible History (According to Scripture)*. 1984. 84 Northgate Street, Unley Park, South Australia: House of Tabor.
- Thiele, Edwin R. *A Chronology of the Hebrew Kings*. 1977. Grand Rapids, Michigan: Zondervan.
- _____. *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*. New edition, 1984. Grand Rapids, Michigan: Zondervan.
- Velikovsky, Immanuel. *Ages in Chaos*. 1952. Garden City, New York: Doubleday.
- _____. *Oedipus and Akhnaton*. 1960. Garden City, New York: Doubleday, 1960.
- _____. *Peoples of the Sea*. 1977. Garden City, New York: Doubleday.

A FARSA DA ALTA CRÍTICA

_____. *Ramses II and His Time*. 1978.
Garden City, New York: Doubleday.

Periódicos Acadêmicos:

Epigraphic Society Occasional Publications. 6625
Bamburgh Dr., San Diego, California 92117.

Kronos: A Journal of Interdisciplinary Synthesis. P.
O. Box 343, Wynette, Pennsylvania 19096.

Boletins:

Biblical Chronology. Institute for Christian Eco-
nomics.